

**POLÍTICA E POÉTICA DO COTIDIANO EM *O CORPO FORA*,
DE FRANCISCO ALVIM
EVERYDAY POLITICS AND POETICS IN *O CORPO FORA*,
BY FRANCISCO ALVIM**

Fernando Albuquerque MIRANDA¹

RESUMO: Este artigo versa sobre a questão da mitologia da mineiridade em sua expressão política e como isto se reflete na obra poética do escritor mineiro Francisco Alvim. Representante da chamada geração marginal dos anos 1970, Alvim carrega como traço estilístico a preocupação com o que denominamos como pequenas políticas cotidianas, o que se pode identificar no livro *O corpo fora*, tomado como *corpus* neste trabalho. No percurso teórico nos apropriamos das ideias de Maria A. do Nascimento Arruda sobre a mitologia da mineiridade e de Paulo Andrade e Eleonora Ziller Camenietzki sobre o poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Política; Mineiridade; Poesia.

ABSTRACT: This paper studies the question of "mitologia da mineiridade" in its political expression and how it reflects in the poetic work by writer Francisco Alvim. Representative figure of 1970's marginal generation, Alvim brings as stylistic trace the concern with what is called small-everyday-politics, that can be identified in the book *O corpo fora*, *corpus* of this paper. In our theoretical references we used ideas of Maria A. do Nascimento Arruda on the "mitologia da mineiridade" along with Paulo Andrade and Eleonora Ziller Camenietzki about the poet.

KEYWORDS: Politics; Mineiridade; Poetry.

“O homem é um animal político” (Aristóteles)

¹ Bolsista Capes e doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF / CEP: 36036-330 / Juiz de Fora – MG / Brasil – nandominas@hotmail.com.

Introdução

Atribuir traços identitários aos povos é uma prática corriqueira nas construções discursivas elaboradas pelo homem. Estas caracterizações, comumente surgidas com base em observações das práticas sociais de um povo, carregam tanto informações coerentes quanto incoerentes. Portanto, apresentam-se problemáticas.

Nosso objetivo com este trabalho é tentar analisar como a chamada mineiridade, como conjunto de especificidades atribuídas a quem nasce em Minas Gerais, é discutida em parte da obra do poeta mineiro Francisco Alvim. Mais especificamente, tomamos como *corpus* deste artigo o livro *O corpo fora*, incluso em *Poemas*, edição que reúne livros de Alvim lançada em 2004.

Nesta obra, o poeta trabalha alguns elementos da dita mineiridade muitas vezes lançando mão da representação de sua memória. Propomos encaminhar esta discussão explorando o aspecto político, pesquisando aqueles poemas que, de alguma forma, confirmam ou rechaçam características identificadas ao modo de agir do mineiro. A política da qual falamos deve ser entendida como conjunto de práticas cotidianas, a pequena política exercida no dia-a-dia entre as pessoas e que se configura como a temática de algumas das poesias de Francisco Alvim em *O corpo fora*.

No percurso, identificaremos a presença da política na trajetória pessoal e poética do escritor, discutiremos a questão da mitologia e buscaremos interpretar nos poemas escolhidos como aparecem trabalhadas as características que são costumeiramente anexadas ao estilo do mineiro exercer a política.

1. A política do cotidiano

Pode-se dizer que a política faz parte da trajetória do poeta mineiro Francisco Alvim desde muito cedo. Esta realidade ele a começa conhecer ainda criança quando, aos nove anos, os pais Fausto Figueira Soares Alvim e Mercedes Costa Cruz Alvim mudam-se de Araxá, cidade onde nasceu Chico (1938), como o escritor também é conhecido, para Belo Horizonte. O motivo da troca de cidades foi o convite de trabalho do então governador Milton Campos a Fausto, que passaria a exercer cargo na administração do Estado.

Talvez esta proximidade com o centro do poder em Minas tenha despertado nele a vocação para a política, em particular para a representação do país no mundo. Em 1963, Francisco Alvim interrompe o curso na Faculdade de Direito para entrar para o Instituto Rio Branco, a reconhecida instituição responsável pela seleção e treinamento de diplomatas brasileiros. Ele inicia a carreira de diplomata em 1965 e, três anos depois, transfere-se para Paris, onde atuaria como secretário da representação do Brasil junto à Unesco. A partir daí desempenha a função de cônsul-geral do Brasil em Barcelona (1995-1999) e em Roterdã (1999-2003), na Holanda, e de embaixador na Costa Rica. Concomitantemente à atuação no campo político, ele desenvolve a carreira de poeta. Sua estreia ocorre sintomaticamente em 1968, o ano marcado pelo endurecimento do regime militar através da edição do Ato Institucional N° 5 (AI-5), com o livro *O sol dos cegos*.

Na década de 1970, já de volta ao Brasil, integra no Rio de Janeiro o grupo Frenesi, junto com os poetas Cacaso, Antonio Carlos de Brito, Chacal, Geraldo Carneiro e Roberto Schwarz. Esta é considerada a primeira geração dos poetas marginais, ou “pós-vanguardistas”, como os denominou o crítico José Guilherme Merquior. Tratava-se de um movimento que se seguia à efervescência modernista do início do século 20 e dos experimentos formais do concretismo da década de 1950, para citarmos dois eventos de marcada repercussão no campo poético brasileiro e com os quais os poetas marginais mantiveram diálogo.

Francisco Alvim publicou também *Passatempo* (1974), *Passatempo e outros poemas* (1981), *Poesia reunida* (1988), estes dois últimos vencedores do prêmio Jabuti, *Elefante* (2000) e *Poemas* (1968-2000). O livro *O corpo fora* está incluso em *Poesia reunida*, onde aparece pela primeira vez, e ainda em *Poemas*.

Um outro aspecto da questão política que marca a trajetória de Alvim está ligado a elementos estéticos específicos analisados na geração de 1970. Como registra o professor Paulo Andrade,

Em vez de iniciar um novo ciclo de atualização da pesquisa estética, os poetas da geração de 70 optaram por um discurso de libertação, do corpo e do comportamento. O *novo*, neste contexto, significa a liberação das repressões, das insatisfações, dos valores morais, familiares e institucionais – como se no âmbito da intimidade e da subjetividade estivesse a resposta que poderia ajudá-los a enfrentar o autoritarismo. Menosprezar a idéia de novo, de progresso, de

modernização passa a ser, portanto, uma forma de reagir ao sistema. (ANDRADE, 2009, p. 89)

No caso particular do poeta mineiro, considerado por Andrade dentre os expoentes da geração marginal como um dos que assimilou o legado modernista e recebeu ecos do movimento concretista, as soluções estéticas refletem-se no apuro formal, na precisão do corte, nas elipses e no minimalismo (é nítida a filiação oswaldiana), características estas mediadas pela oralidade (ANDRADE, 2009).

Pensando junto com o crítico, pode-se reforçar que a atenção dirigida por Alvim a aspectos do cotidiano em sua poesia se coaduna com a postura percebida na geração dos 1970 que propunha um deslocamento no campo político: no lugar da defesa das grandes transformações sociais, consideradas insuficientes diante da ordem social estilizada das sociedades contemporâneas, a atuação pelas micropolíticas que buscavam defender a diferença e a diversidade das minorias.

Interessante destacar em breve parêntese que a palavra política, do grego *politeía*, em sua etimologia, deriva-se das palavras gregas *politiké* (política em geral) e *politikós* (dos cidadãos, pertencente aos cidadãos). Por esta última acepção, conforma-se o sentido prosaico da palavra (de uma política levada a cabo nas relações triviais que se estabelece entre pessoas no dia-a-dia) que se percebe nos escritos do poeta.

Também é política a poesia de Chico Alvim se se raciocina, como propõe a crítica Eleonora Ziller Camenietzki, na direção de perceber em parte de sua obra o aproveitamento do tom de fala, “desprovido de qualquer sedução retórica”, de “investigação sobre a cotidianidade e do signo poético desconvenionalizado” (2005, p. 13) que afronta o “gosto predominante pelo quase milenar soneto” e o “choroso beletismo passadista” (2005, p. 17), para usar expressões da autora. Por este viés, a poesia de Alvim é questionadora da linguagem poética canônica.

Exemplos de signos poéticos desconvenionalizados estão espalhados por todo o livro *O corpo fora*, como nos casos abaixo, dos poemas de abertura “Chefe de estação” e “Queixa”.

CHEFE DE ESTAÇÃO

Se quiserem ficar
dão muito prazer
Mas se quiserem partir
é hora

QUEIXA

Me recebeu de pé
(ALVIM, 2004, p. 89)

Neste tom de fala, que procura não exercer qualquer tipo de sedução retórica no leitor, formam-se canais que concedem passagem à voz de um outro. Como assinala Camenietzki ao reproduzir opinião de Cacaso, o amigo conterrâneo e de geração, Alvim é “o poeta dos outros”. E é a própria crítica quem completa: “Aquele que cede sua vez para dar voz ao que se faz silêncio numa sociedade tão duramente atravessada pela desigualdade” (CAMENIETZKI, 2005, p. 13).

Francisco Alvim é político ainda quando, na opinião de Augusto Massi, se esquiva das discussões que procuram estabelecer, de forma consensual, se seu nome figuraria ou não no quadro dos grandes poetas nacionais. Para Massi, Alvim tem feito enorme esforço para não ser um grande poeta. “Não faz política literária. Esta recusa é coerente com o papel que a poesia – espinha dorsal – tem em sua vida” (MASSI, 1999, p. 25). Dessa forma, para o teórico, a própria renúncia do poeta em fazer política literária apresenta-se como atitude política.

De maneira breve, tentamos em parte alinhar neste item a presença da política na trajetória, no comportamento e no estilo poético de Alvim. Uma das temáticas exploradas pelo autor em *O corpo fora* é exatamente a questão política, a pequena política que permeia o cotidiano das pessoas e que surge muitas vezes por meio da representação da memória do poeta. Procuraremos investigar como a representação desta forma de o mineiro exercer a política em seu dia-a-dia é trabalhada poeticamente no livro e se ela guarda aproximações ou revela contradições com a imagem através da qual o político mineiro encontra-se sedimentado no imaginário popular.

2. Política e poética em *O corpo fora*

No ano de 2011 tivemos duas boas oportunidades de verificar como se estabelecem mitos relacionados à política e aos políticos mineiros. Foram elas as ocasiões das mortes do ex-vice-presidente da república, José Alencar, e do senador e ex-presidente Itamar Franco. Os dois fatos demonstraram como estes mitos muitas vezes são discursivamente criados, se consolidam e passam a compor nosso imaginário. Em editorial dedicado a José Alencar e publicado no jornal belo Horizonte O Tempo do dia 31 de março, o jornalista Anderson Alves, argumentando que o ex-vice era a “imagem e semelhança” do que significa ser mineiro, refere-se a ele da seguinte forma: “valente, corajoso, obstinado, otimista e, a despeito das frequentes dificuldades, afável, cordial e bem-humorado” (ALVES, 2011, p. 2).

Já no portal de notícias G1, da Globo, em matéria que repercutia a morte de Itamar Franco, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deixou seu depoimento:

O senador e ex-presidente Itamar Franco foi um grande democrata, com uma vida pública dedicada ao Brasil. Mesmo nos momentos de divergência política mantivemos uma relação de profundo respeito e diálogo. Quando assumiu a presidência em um momento conturbado, em 1992, teve sabedoria para dialogar com toda a sociedade brasileira e ajudou o país a entrar em uma rota positiva na política, na economia e no social. (SILVA, 2001)

Nos dois trechos é possível identificar, no caso de Alencar, referências às qualidades de quem tem coragem para enfrentar as dificuldades sem perder a cordialidade e, no de Itamar, à facilidade para urdir o entendimento e praticar o diálogo mesmo nos momentos adversos. Pensamos aqui na ligação entre mito e ideologia conforme observa Paul Ricouer e a função de deformação compartilhada entre os dois termos. Para o filósofo, essa função se caracterizaria por “um processo geral pelo qual a atividade real, o processo de vida real, deixa de constituir a base, para ser substituído por aquilo que os homens dizem, se imaginam, se representam. A ideologia é esse menosprezo que nos faz tomar a imagem pelo real, o reflexo pelo original” (RICOUER, 1988, p. 73).

O mito segue o mesmo percurso da ideia trabalhada por Ricouer e, no caso de Minas Gerais, forja, em sua dimensão ideológica, o que se costuma chamar de

mineiridade, um estado que brota das práticas cotidianas dos mineiros, mas que recebe contornos do constructo que se estabelece sobre estas mesmas práticas. Em *Mitologia da mineiridade*, Maria A. do Nascimento Arruda explica:

A mineiridade exprime (...) uma visão que se construiu a partir da realidade de Minas e das práticas sociais. Por fundar a figura abstrata dos mineiros, a mineiridade tem as características do mito; estes ao identificarem-se com essa construção absorvem o pensamento mítico e colaboram para a sua permanência; o mito quando politicamente instrumentalizado, adquire dimensão ideológica. (ARRUDA, 1990, p. 198)

No campo político, Arruda assinala que o mito, o que talvez seja o resultado da busca de contornar a crise da perda de importância econômica do Estado com a decadência da mineração e depois da agricultura, em que pese o fato de Minas continuar desempenhando importante papel neste último setor, tracejou um caminho particular ao nutrir-se da memória do passado – é clara a recorrência dos políticos ao destino dos inconformes como forma de ilustrar sua prática e trajetória. Dessa forma, as eras de outrora reverberam no presente e se projetam no futuro nos discursos dos (e, muitas vezes, sobre os) políticos de Minas.

É neste rastro que se encorpam, por exemplo, ideias como a de que os “mineiros são portadores da missão de promover a unidade nacional” (ARRUDA, 1990, p. 215). A teórica elenca ainda como marcas peculiares do mineiro, e, por conseguinte, de seu fazer político, o equilíbrio (é sintomática a figura de fiel da balança historicamente alimentada sobre Minas Gerais no cenário nacional), do comedimento como traço civilizacional fruto da vida cultural conformada entre as montanhas, a introversão, que coroa a moderação e o equilíbrio, e a conciliação.

Evidente que, para cada uma dessas figuras, é possível resgatar exemplos contraditórios na história política. É nessa perspectiva que parecem se orientar os poemas que ilustram o aspecto político (uma política menor, do cotidiano, neste caso) em *O corpo fora*². No já mencionado “Queixa” (Me recebeu de pé), fica clara a crítica de Francisco Alvim à relação hierárquica que se estabelece entre representantes de estratos sociais diferentes ou entre quem tem interesses diversos. O mesmo ocorre no

² Aproveitaremos nesta análise apenas os poemas que, de uma maneira ou de outra, abordem os aspectos que entendemos tocar na questão política conforme a discutimos ao longo do artigo.

poema “Voz” (Quando eu chamo / ele vem), onde o tom autoritário nos remete à figura dos antigos coronéis/patrões/pais. Nestes dois exemplos, a figura conciliatória do modo mineiro de fazer política, construída mitologicamente (e ideologicamente), é contestada.

O conflito entre empregador e empregado, portanto entre classes, volta a aparecer em “Serviço”, “Os novos” e “Na minha horta”. Interessante perceber que os dois primeiros poemas dialogam entre si.

SERVIÇO³

Lava a roupa
Arruma a casa
Faz o almoço

OS NOVOS

Vocês nasceram donos
Se esquecem
que tem gente que lava o chão
(ALVIM, 2004, p. 92)

NA MINHA HORTA

ninguém assovia
(ALVIM, 2004, p. 113)

As recomendações de serviço a uma empregada doméstica (ou a uma dona de casa, o que, de toda forma, denota desigualdade na relação) expõem a amargura de um cotidiano imutável e sem expectativas. A amargura retorna em forma de queixa no segundo poema, quando a voz da serviçal localiza os receptores de sua fala como sendo filhos do proprietário, nascidos em melhores condições sociais e alienados sobre a importância do trabalho exercido por representantes das camadas mais baixas. Da síntese resulta a representação da (micro)política praticada entre cidadãos. No último poema, o recado de um patrão é curto e grosso em relação às condutas de trabalho em sua horta.

³ Respeitaremos o aspecto formal dos textos como eles aparecem no livro. Assim, mantivemos a opção do autor pelo uso de letras maiúsculas e minúsculas nos títulos (sempre em caixa alta) e no corpo dos poemas (caixas alta e baixa) e também pelo negrito (que aparece nos títulos).

Em “Herança”, “Juro” e “Favor, por que por favor?”, poemas que também mantêm um diálogo entre si, dentro do estilo de Chico em dar a voz aos outros, a política, ao que parece exercida em família, apresenta-se de maneira mesquinha.

HERANÇA

Quem deu pra ele?
Ele tomou
Disse que era dele

JURO

Só faço isso
porque preciso

FAVOR, POR QUE POR FAVOR?

O que se herda
não se pede emprestado
(ALVIM, 2004, p. 91)

O diálogo parece ocorrer entre as vozes de quem sente a falta de uma herança, daí o tom de reclamação (do primeiro poema), daquele que a toma por uma necessidade (presente no segundo) e a justificação do ato (no terceiro). A desavença e o desequilíbrio, além da ausência da figura da conciliação, abrem espaço para o dissenso que se projeta no ambiente privado (em uma relação entre parentes?). Nesta política comezinha o ar é de defesa de interesses próprios entre os envolvidos na situação.

Em “Quase” e “Troca”, a figura mitológica do político mineiro é ao mesmo tempo confirmada e questionada.

QUASE

O Secretário de Educação de Barbacena
Sr. Guilherme Marins
participou aos repórteres
- Pedirei demissão de meu cargo
em solidariedade ao General,
caso sua punição seja confirmada

Os repórteres confirmam. Ele arremata.
Mas, antes, falarei com o General
para ver o que ele acha

TROCA

Pode ser que sim pode ser que não
O que eu sei
é que quando se pede um favor
deve-se retribuir
(ALVIM, 2004, p. 105)

No primeiro, a assertiva do Secretário de Educação de Barbacena de que pediria demissão, logo vai para a condicional quando os repórteres lhe informam que o General, figura de autoridade, foi punido. Conciliação e equilíbrio, caros predicados associados aos políticos mineiros, se desmoronam diante da atitude vacilante e contraditória do Secretário. Mas, ironicamente, também se pode ler o poema pela via inversa. Seria o Secretário conciliador e equilibrado justamente porque, na base da conversa a posteriori, decidiria o que é melhor para o município de Barbacena?

A mesma situação dúbia se observa no segundo poema. A retribuição do favor tanto pode ser de ordem fisiologista, o famoso “toma lá dá cá” praticado por políticos corruptos, como demonstrar lealdade entre amigos. Ainda assim, revela-se uma ponta de ironia no poema. Irônico também é “Conversa?” (Quando começava a dizer / algo / era prontamente interrompido / Estava lá para ouvir e não / para ser ouvido) que desmonta o propalado espírito do diálogo capaz de promover o entendimento que o mineiro, e o político mineiro, carregaria como marca de sua biografia. A impossibilidade do diálogo aparece como traço circunstancial, um dado corriqueiro que desmente o tom cordato associado à mineiridade.

Um outro elemento político que permeia alguns dos poemas de *O corpo fora* é a questão do racismo, preservado na sociedade brasileira após a abolição da escravatura e com um matiz mineiro específico devido à importância da agricultura em Minas Gerais. Este aspecto aparece em “Ortodoxia”.

ORTODOXIA

Chego a entender o
Stalin
Para fazer a reforma agrária
teve que matar
10 milhões de camponeses
Tratamento, que tratamento?
Desculpe o racismo mas
terapia de crioulo é trabalho
(ALVIM, 2004, 121)

Aqui, a convicção demonstrada pelo enunciador do discurso revela a crença de quem acredita na inferioridade dos negros e o descontentamento em ter que dividir a sociedade com a raça liberta. É o mesmo sentimento que aflora de “Vantagem” (E tem mais uma: / é branco), onde a cor da pele confere dianteira a alguém que parece se candidatar a algo (um emprego?) ou é traço distintivo a justificar a preferência do enunciador do verso pela pessoa de quem se fala. A remissão à Stalin, no primeiro poema, é o dado perverso do racismo praticado às claras. Racismo que também é explorado por Alvim em “Ora veja” (O guarda era preto / A moça era branca / Queria limpar a família dele / e sujar a dela) e “Gostoso” (Bem melhor do que o outro / É branco / socialmente muito agradável / Pode passar por meu sobrinho / Gosta de mim / O outro é preto / não gosta de mim / É mal-educado / mora no Rio / (Mas é gostoso?)).

Como palavra final, cabe registrar que o mito da mineiridade não é somente confrontado em *O corpo fora*. Ele encontra-se também reforçado em alguns poemas, caso de “Mercê” ((Você será bem tratado)) e “Até amanhã” (Voltem sempre). Nestes, fica exposto o tom comedido que normalmente é associado à figura do mineiro.

Desta forma, contradições e confirmações do mito da mineiridade podem ser avaliadas no livro de Chico Alvim. Dentro da ideia de que toda a identidade é problemática, constata-se o que disse a respeito do Estado, e, por extensão, de seu povo, Guimarães Rosa: “Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas” (ROSA, 1967, p. 3).

Considerações finais

Em parte das poesias que compõem o livro *O corpo fora*, Francisco Alvim coloca em questão a figura do mineiro conforme ela costuma estar presente em nosso imaginário, não só o dos mineiros, mas, de uma maneira geral, o dos brasileiros. A conciliação, a moderação o equilíbrio, aspectos normalmente identificados com a dita mineiridade, são ao mesmo tempo refutados e confirmados nas cenas de alguns poemas.

Procuramos dar maior atenção àqueles elementos que rechaçam esses aspectos por acreditarmos serem eles mais ricos em um trabalho que pretende discutir de maneira crítica a mineiridade como mito. No entanto, sabemos que a mitologia forma-se a partir da observação de práticas sociais. Estas práticas também confirmam argumentos sobre o modo de ser dos mineiros. Portanto, não pretendemos ao longo de nossa argumentação, como não poderia deixar de ser, dar caráter definitivo a nenhum tipo de avaliação.

Enfocamos o elemento político como forma de dar vazão ao pensamento. No percurso deste raciocínio, configurou-se interessante traçar um paralelo entre os acontecimentos das mortes de José Alencar e Itamar Franco, e a forma como estes fatos ressuscitaram discursos identificados à trajetória dos mineiros na política em geral, e a maneira como aparece registrada no livro de Alvim a pequena política feita no cotidiano pelos mineiros.

Nos poemas analisados, percebemos a exploração, pelo poeta, de características que colocam em questão estes mitos conforme Maria A. do Nascimento Arruda os alinhava no livro *Mitologia da mineiridade*. O racismo, o autoritarismo, a falta de diálogo, entre outros aspectos, surgem como resultados de práticas muito internalizadas no comportamento do mineiro e em sua política cotidiana. Muitos destes temas são trabalhados por Francisco Alvim dentro de uma estratégia de registrar, em seu discurso poético, a voz do outro.

Assim, este recurso democrático – dar voz ao outro –, próximo ao que alguns críticos analisam ser característico à geração na qual o poeta se filia, qual seja, a marginal dos anos 1970, amalgama a diversidade do caráter do mineiro e afronta conceitos construídos a priori em relação à sua conduta no campo político.

Referências bibliográficas

- ALVES, Anderson. Mania de ter fé na vida: o Zé nos deixa hoje; a despedida, no entanto, não é a de quem se vai. **O Tempo**. Belo Horizonte. 31 mar. 2011. A.Parte, p. 2.
- ALVIM, Francisco. **O corpo fora**. In.: **Poemas (1968-2000)**. São Paulo / Rio de Janeiro: Cosac Naify / 7 Letras, 2004.
- ANDRADE, Paulo. Tensões entre política e estética na poesia brasileira do século XX. In.: PIRES, Antônio Donizeti. **O legado moderno e a (Dis)solução contemporânea**. Araraquara: ANPOLL, 2009. P. 82-95.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CAMENIETZKI, Eleonora Ziller. Ao rés da fala: alguns comentários sobre a poesia de Chico Alvim e Ferreira Gullar. **Terceira Margem**. Rio de Janeiro, n. 12, p. 11-23, jan./jun. 2005.
- MASSI, Augusto. Conversa dentro conversa fora. **Inimigo rumor**. Rio de Janeiro, n. 6, p. 22-26, jan./jul. 1999.
- RICOUER, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- ROSA, João Guimarães. Aí está Minas: a mineiridade. **Suplemento Literário do Minas Gerais**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v.2, n. 65, p. 3, nov. 1967.
- SILVA, Luiz Inácio Lula da. Veja repercussão sobre a morte de Itamar Franco. **G1**, Belo Horizonte; Brasília; São Paulo, 11 agosto 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/07/veja-repercussao-sobre-morte-de-itamar-franco.html>> Acesso em 11 agosto 2011.